

NARRATIVA DO MONITOR DE SECAS DO MÊS DE JUNHO DE 2017

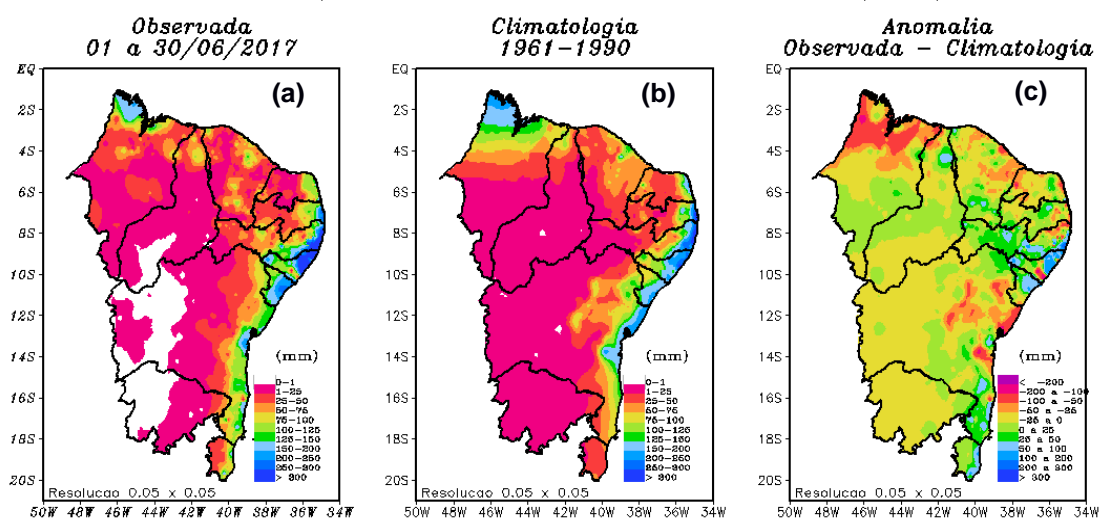
Condições Meteorológicas do Mês de Junho de 2017

Historicamente, conforme pode ser observada na figura 1 (b), no mês de junho, o litoral oeste do Maranhão (MA), uma pequena área na faixa litorânea do Ceará (CE), e a faixa litorânea do leste da região Nordeste do Brasil (NEB), são as regiões do NEB que possuem os maiores índices pluviométricos, com volumes superiores a 150 mm. Em algumas dessas regiões os índices pluviométricos são superiores a 250 mm, principalmente no leste do NEB. As demais regiões do NEB, de um modo geral, historicamente, possuem índices pluviométricos inferiores a 100 mm e, em uma ampla área do NEB, como no centro-sul do MA, grande parte do Piauí (PI), centro-sul do CE, extremo oeste de Pernambuco (PE) e centro-oeste da Bahia (BA), a climatologia de precipitação é inferior a 25 mm.

Conforme o mapa de chuva observada figura 1(a), no decorrer do mês de junho de 2017 os índices pluviométricos mais significativos (valores acima de 150 mm) foram observados no litoral oeste do MA e na porção leste dos estados da PB, PE, Alagoas (AL), Sergipe (SE) e em uma área da zona da mata no estado da BA. No litoral leste de RN e em uma ampla área do litoral da BA os valores de chuva acumulada variaram entre 75 e 150 mm. Em uma ampla área do NEB, os valores de chuva acumulada, de um modo geral, ficaram entre 1 e 75 mm. No sul do PI e em boa parte da porção oeste do estado da BA, valores inferiores a 1 mm de chuva foram observados.

Na figura 1 (c), anomalia de precipitação, observa-se que no litoral leste do NEB, em uma área compreendida entre o litoral do estado de PE, leste de AL e SE, bem como em algumas áreas do litoral sul da BA, os acumulados de chuva foram suficientes para ocasionar anomalias positivas de precipitação, com valores variando entre 50 e 200 mm. Na região centro-sul do MA e PI, em algumas áreas do interior de PE, BA, CE, PB e norte da BA, foram observadas anomalias positivas de precipitação. Porém, cabe ressaltar que, como as médias históricas de chuva nessas regiões não são elevadas, essas anomalias positivas não representam muito em termos de volume absoluto de precipitação. Nas demais áreas da região do NEB, como no norte do MA, litoral do CE, litoral leste de RN, litoral da PB e litoral norte da BA, os totais acumulados foram inferiores a sua média histórica, o que contribuiu para a presença de anomalia negativa de precipitação na maior parte destas regiões.

S U D E N E - C P T E C - I N P E
Precipitação Acumulada em Junho (mm)



Fonte de dados: CMCD/INPE-INMET-SUDENE-ANEEL-FUNCEME/CE-LMRS/PB-EMPARN/RN
LAMEPE/ITEP/PE-CMRH/SE-SEAAB/PI-SRH/BA-CEMIG/SIMGE/MG-SEAG/ES

© CPTEC/INPE

Figura 1. Espacialização da precipitação (mm) mensal no mês de junho na região Nordeste do Brasil (NEB): (a) precipitação acumulada; (b) climatologia; (c) anomalia de precipitação. Página de procedência da figura: http://proclima.cptec.inpe.br/~rproclima/Moni_NE/precobsclim06.gif

Síntese do Traçado do Monitor das Secas de Junho de 2017

Em uma pré-análise, foram considerados os índices SPI e SPEI para 3, 4, 6, 12, 18 e 24 meses, com maior detalhamento para os estados do Ceará (CE), Rio Grande do Norte (RN), Paraíba (PB) e Pernambuco (PE), em virtude de uma quantidade maior de pontos e informações que esses estados da região Nordeste do Brasil (NEB) apresentam. No intuito de compensar o déficit de informações, tanto para esses estados quanto para as demais áreas do NEB, foram utilizadas, de forma ampla, os seguintes produtos de apoio: climatologia da precipitação mensal, precipitação observada, anomalia de precipitação do mês de junho (e dos meses anteriores), bem como, o índice de saúde da vegetação (VHI). Com isso, áreas do NEB, onde há poucos pontos de informações, foram analisadas, além de complementar as áreas onde a densidade de informações é maior.

É necessário ressaltar que, para o traçado deste mapa, é considerada a seca física, levando-se em conta, principalmente, os índices SPI e SPEI, de curto e longo prazo, sem analisar as informações dos reservatórios.

Ao comparar o mapa validado no mês de maio de 2017, na figura 2 (a), com o mapa validado do mês de junho de 2017, na figura 2 (b), verificaram-se algumas mudanças no traçado geral (figura 2), tais como:

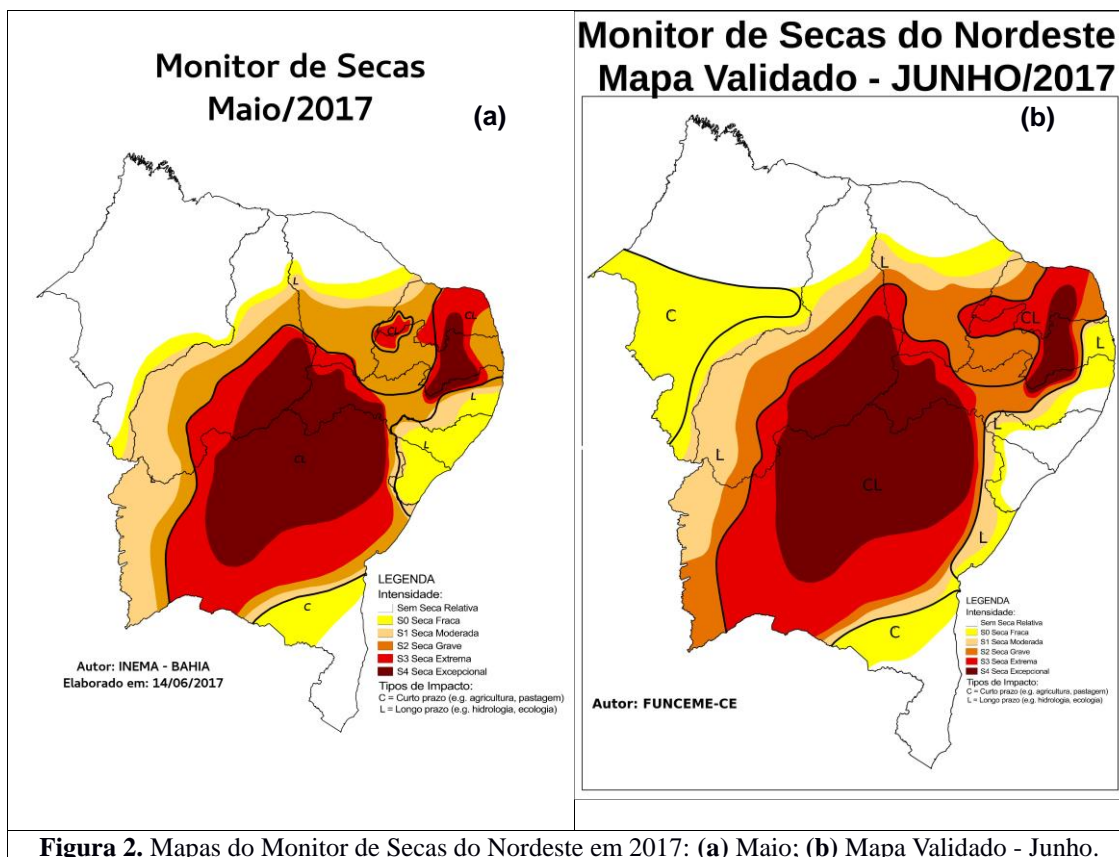


Figura 2. Mapas do Monitor de Secas do Nordeste em 2017: (a) Maio; (b) Mapa Validado - Junho.

No estado do MA, na parte centro-sul, a pouca chuva observada nos últimos dois meses (maio e junho), segundo os indicadores SPI e SPEI de curto prazo e saúde da vegetação (VHI), contribuiu para o surgimento de uma ampla área de seca fraca (S0). Na faixa centro-norte deste estado, em virtude dos altos índices pluviométricos observados nos meses anteriores (janeiro a maio), os indicadores não apontam para uma mudança no cenário, o que justifica a permanência desta área sem seca relativa. Com relação aos impactos, a parte centro-sul, onde os indicadores indicam uma seca S0, fica com impactos de curto prazo (C).

No PI, em virtude dos baixos índices pluviométricos observados ao longo do mês de junho, na parte central (fronteira com o CE), houve uma expansão para o norte da seca considerada excepcional (S4), extrema (S3), grave (S2) e moderada (S1). Na porção centro-sul, segundo os indicadores, principalmente de curto prazo, também houve uma leve aumento da seca excepcional (S4), extrema (S3) e grave (S2). Na parte norte deste estado, os indicadores não apontam uma mudança de cenário, permanecendo esta sem seca. Quanto aos impactos, em uma área compreendida entre o centro e o sudeste, onde a seca continua com intensidade extrema (S3) e excepcional (S4), estes permaneceram de curto e longo prazo (CL). Já nas demais áreas com seca, os impactos

permanecem de longo prazo (L).

No CE, as maiores modificações, em relação ao mês anterior (maio), aconteceram na área central e também no centro-oeste (fronteira com o PI), onde houve uma expansão para o norte da seca extrema (S3), grave (S2) e moderada (S1), segundo os indicadores de curto prazo, principalmente. Nas demais áreas não houve modificações. Em relação aos impactos, apenas no extremo sudoeste estes continuaram sendo de curto e longo prazo (CL). Nas demais áreas com presença de seca, os impactos foram de longo prazo (L).

Em grande parte do estado de RN, as precipitações de junho não foram suficientes para amenizar a severidade da seca observada nos últimos meses. Por isso, observa-se um pequeno aumento da área com seca excepcional (S4), na parte central, e também na área com seca extrema (S3). Na parte leste, embora alguns indicadores apontem uma permanência da seca extrema (S3), o índice de vegetação (VHI) no decorrer do período teve uma melhora em relação ao mês anterior (maio) e, por isso, houve uma redução da área com seca S3, passando essa para seca grave S2. Ainda na parte leste (litoral sul), em virtude dos totais de chuva, houve uma pequena redução da área de seca grave (S2) para seca fraca (S0). Na maior parte do Estado os impactos continuaram sendo de curto e longo prazo (CL), com exceção de uma grande área da mesorregião do Oeste Potiguar e de uma área na parte leste (litoral sul), onde os impactos observados são de longo prazo (L).

Na Paraíba (PB), as chuvas com volumes mais expressivos, que ocorreram no mês de junho, se concentraram na porção leste deste estado, o que resultou na redução das áreas com seca excepcional (S4), extrema (S3) e grave (S2). Com isso, uma ampla área com seca grave (S2) deu lugar a uma ampla área com seca fraca (S0). Já na parte central (divisa com RN), os indicadores de curto prazo apontam uma piora no quadro de seca observada no mês anterior (maio), passando de seca grave (S2) para seca extrema (S3). Nas demais áreas do estado não houve modificações. Com relação aos impactos, na parte central e oeste (divisa com o CE e RN) continuam sendo de curto e longo prazo (CL). Nas demais áreas, os impactos são de longo prazo (L).

Em Pernambuco (PE), porção leste, os indicadores mostraram uma redução das categorias de seca fraca (S0), moderada (S1), grave (S2), extrema e excepcional (S4). Na área da zona da mata (divisa com AL), onde os acumulados de precipitação foram mais significativos, as mudanças foram mais expressivas e houve o surgimento de uma área sem seca onde, no mês anterior (maio), era observada uma seca fraca (S0). Na parte centro-sul, houve uma pequena redução da área com seca excepcional (S4). Em grande parte de PE os impactos ainda são de curto de longo prazo (CL). No entanto, na porção leste e em uma área do centro-norte, divisa com PB e CE, nas áreas que possuem seca

os impactos são de longo prazo (L).

Nos estados de Alagoas (AL) e Sergipe (SE), em virtude das chuvas observadas ao longo de junho, e no mês anterior, alguns produtos de apoio como índice de vegetação (VHI) e indicadores de curto prazo (SPI e SPEI), mostram uma melhora significativa no cenário. Com exceção do oeste destes estados onde se observa algumas áreas com seca moderada (S1) e fraca (S0), praticamente todo o território alagoano e sergipano esta sem seca relativa. Nas áreas em que se observa seca S1 e S0, nos estados de AL e SE, os impactos são de longo prazo (L).

Na Bahia, as chuvas que ocorreram no mês de junho, assim como em maio, se concentraram na faixa leste do estado, ou seja, na área da zona da mata e agreste, e não foram suficientes para minimizar a severidade da seca na maior parte do estado. No entanto, no extremo sul, as chuvas dos últimos meses têm contribuído para um aumento da área sem seca. Já na faixa da zona da mata, entre o recôncavo baiano e a divisa com SE, as chuvas também contribuíram para minimizar a intensidade da seca, passando de uma seca grave (S2) em maio para uma seca fraca (S0) em junho. Na região norte, próximo ao estado de SE, a regularidade das precipitações no de mês de maio e junho contribuiu para uma pequena redução da área com seca excepcional (S4), extrema (S3) e grave (S2). Também na parte noroeste, divisa com o sul do PI, o índice de vegetação (VHI), ao longo de junho, teve uma piora, o que justifica um pequeno aumento da área com seca excepcional (S4). Na parte sudoeste (divisa com os estados de Goiás e Minas Gerais), a pouca pluviometria observada no mês de junho, contribuiu para o agravamento da seca observada no mês anterior (maio), passando essa de seca moderada (S1) para seca grave (S2). Ainda na parte oeste, houve um ligeiro aumento da área com seca extrema (S3). Quanto aos impactos, esses continuaram de curto e longo prazo (CL) na maior parte do estado. Na região sul, estes ainda persistiram de curto prazo (C). Na região oeste e uma área da zona da mata (próximo ao estado de SE), os impactos são de longo prazo (L).

Para o traçado do mapa, referente ao mês de junho, foram utilizadas as considerações feitas no processo de autoria e validação pelos representantes da ANA-DF, AESA-PB, APAC-PE, ARESTech, ENPARN-RN, FUNCEME-CE, INEMA-BA, SEMARH-AL, SEMARH-SE e UEMA-MA.